

A REPRESENTATIVIDADE IMPORTA? UMA ANÁLISE DAS PRODUÇÕES  
LITERÁRIAS PRESENTES NA COLEÇÃO *SER PROTAGONISTA: LÍNGUA*

*PORTUGUESA*, PNLD 2018

*DOES REPRESENTATIVITY MATTER? AN ANALYSIS OF THE LITERARY  
WORKS PUBLISHED IN THE COLLECTION SER PROTAGONISTA: LÍNGUA  
PORTUGUESA*, PNLD 2018

Julia Ferri Pinto<sup>1</sup>

Pâmela Pereira de Pinho<sup>2</sup>

Luciane Ferreira Senna<sup>3</sup>

**RESUMO:** A literatura de autoria feminina tem espaço no ensino de literatura? Essa pergunta desenvolveu o projeto de pesquisa cujo objetivo foi mapear a presença/ausência de autoras de literatura, textos/obras e o quantitativo feminino/masculino presentes nos livros didáticos de língua portuguesa escolhidos/recebidos pelas escolas do ensino médio de Osório/RS. Buscou-se averiguar se esses materiais estavam de acordo com as orientações do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) sobre pluralidade e diversidade, contribuindo, assim, para a formação de sujeitos críticos e autônomos.

Palavras-chaves: ensino de literatura; livro didático de língua portuguesa; literatura de autoria feminina; representatividade.

**ABSTRACT:** Does female authorship literature have space in literature teaching? This was the question that developed the research project which aimed to map the presence/absence of female authors, texts/books and identify the quantity of female and male authors in literature textbooks chosen/received by the High School institutions in Osório/RS. Also, it aims to verify if the textbooks are in accordance with PNLD (National Textbooks Program) guidelines related to diversity and plurality, in order to contribute to the human and social aspects in terms of gender equality.

Keywords: literature teaching; Brazilian Portuguese textbook; female authorship literature; representativeness.

---

<sup>1</sup>Licenciada, IFRS.

<sup>2</sup>Pós-graduada, IFRS.

<sup>3</sup>Doutoranda, FEEVALE.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte dos dados coletados durante os anos de 2019 e 2020 para o projeto “A literatura de autoria feminina presente nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio adotados nas escolas públicas no município de Osório/RS”, o qual possuía como objetivo central coletar dados da presença ou ausência da literatura de autoria feminina nos livros didáticos de língua portuguesa, doravante LDLPs, adotados na cidade de Osório/RS. A pesquisa abrangeu o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2015 e 2018, já que nos propusemos a investigar os LDLPs adotados pelas escolas de Osório nos anos de 2017, 2018 e 2019.

O projeto era vinculado ao grupo de pesquisa ELLOS — Estudos Linguísticos e Literários, na linha Perspectivas Interdisciplinares dos Estudos Literários do Curso de Licenciatura em Letras — Português/Inglês do Instituto Federal do Rio Grande do Sul — Campus Osório (IFRS — Campus Osório) e ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS) do mesmo Campus. A proposta do projeto tomou forma após discussões do NEPGS sobre a temática, e a partir das problematizações das/dos discentes do curso de Licenciatura em Letras da Instituição, nas disciplinas e nas Semanas Acadêmicas deste sobre o ensino de literatura; o cânone literário; o ensino de literatura a partir do livro didático (LD), como e o que utilizar e, principalmente, o trabalho com as produções literárias de grupos minorizados, no caso desta pesquisa, o de mulheres.

Os dados que apresentaremos ao longo deste artigo têm como objetivo possibilitar a discussão sobre a representatividade da literatura de autoria feminina nos LDLPs. Eles são referentes apenas à coletânea mais adotada pelas escolas públicas de ensino médio do município de Osório no PNLD 2018. Atualmente, cinco escolas públicas ofertam o ensino médio na cidade, sendo uma delas o IFRS — Campus Osório.

A coletânea mais adotada pelas escolas (três de cinco) no PNLD 2018 foi a *Ser Protagonista: Língua Portuguesa* (2016) elaborada por: Ana Elisa de Arruda Penteadó; Andressa Munique Paiva; Cecília Bergamin; Heidi Strecker; Isabela Almohalha; Lília Santos Abreu-Tardelli; Manuela Prado; Marianka Gonçalves-Santa Bárbara; Matheus Martins; Mirella L. Cleto e Ricardo Gonçalves Barreto. A coletânea também foi submetida e aprovada pelo PNLD 2015, mas não foi adotada por nenhuma escola de Osório.

A proposta da pesquisa, de coletar dados referentes à presença/ausência de produções literárias femininas nos LDLPs do ensino médio adotados nos últimos três anos nas escolas públicas no município de Osório/RS, destaca-se pelo envolvimento com a temática de gênero na área de pesquisa sobre o ensino de literatura, que ainda é incipiente no Campus, e pela articulação com as escolas osorienses de ensino médio.

## 2. MAS, POR QUE VOLTAR O OLHAR PARA OS LIVROS DIDÁTICOS?

Os livros didáticos (LDs) possuem uma trajetória histórica que os colocam no centro de debates não apenas pedagógicos, mas também políticos. Desde o governo provisório de Getúlio Vargas (1930–1934), as políticas educacionais orientavam ao sentido de unidade nacional, de modo que a criação de órgãos de planejamento e controle dessas políticas, o Instituto Nacional do Livro (INL) em 1937 e a Comissão Nacional do Livro Didático em 1938, estavam em consonância com a elaboração de um plano nacional de educação. Segundo Maria Helena Rolim Capelato, durante o período Vargas,

[...] a composição dos livros didáticos passou a ser orientada pelos objetivos estabelecidos pelo novo regime em relação ao papel da educação. Luís Reznik analisa a presença dos elementos doutrinários expressos nos livros didáticos de segundo grau. Os manuais escolares, como afirma o autor, constituem elementos

privilegiados para estabelecer conexões entre os programas e a sala de aula e, nesse sentido, entre Estado e sociedade, assim como entre professores e alunos. (CAPELATO, 2009, p. 230).

As questões apontadas pela autora sobre a investigação dos LDs e manuais escolares durante o período Vargas, ainda que circunscritas àquele período e ao propósito historiográfico, nos permitem pensar sobre a relevância dessas fontes de pesquisa. O livro didático, historicamente, assume uma dimensão política e social na construção do conhecimento. Sendo regulado por políticas institucionais em todo seu processo de desenvolvimento, desde o conteúdo que deve ser contemplado em cada obra até a escolha, por parte das escolas, de uma obra em detrimento de outra, ele pode ser uma fonte de pesquisa relevante à educação.

O livro didático é fundamental às aulas de qualquer disciplina há muito tempo, mas foi apenas nos anos 1990 que o Ministério da Educação (MEC) passou a participar de forma permanente e efetiva na avaliação da qualidade dos livros enviados às escolas. No entanto, ainda em meados dos anos 1980, algumas mudanças ocorreram, como, por exemplo, o Decreto-Lei 91542 de 1985, que estabeleceu algumas diretrizes para aquisição dos LDs, entre elas a reutilização de livros, o processo mais horizontal de escolha, já que são as/os professoras/es que os selecionam, além da distribuição sistemática e gratuita às escolas com verbas federais, de acordo com Antônio Augusto Gomes Batista (2003).

Essas novas orientações sobre os livros didáticos foram importantes para um processo de aquisição mais transparente e rigoroso. Desde a década de 1990, o MEC tem buscado, através de dispositivos de consulta e de capacitação, primeiro em 1993 com o Plano Decenal de Educação para todos, e, posteriormente, com o Guia do Livro Didático, que as/os docentes estejam melhor amparados para a realização da escolha do livro a ser adotado na escola.

No Guia do Livro Didático, há a apresentação dos pontos exigidos no Edital pelo qual as empresas (editoras) se orientaram para a construção do livro didático. Logo em

seguida, as coletâneas que corresponderam previamente às exigências são apresentadas através de resenhas, “[...] seguindo concepções teóricas e princípios político-pedagógicos considerados mais adequados ao atual momento do processo de ensino-aprendizagem nas escolas brasileiras”, de acordo com Dulce Cassol Tagliani (2009, p. 307).

Nesse sentido, o MEC assumiu a posição de mediador entre o mercado editorial e a escola e, segundo Batista,

[...] passou a desenvolver e executar um conjunto de medidas para avaliar *sistemática e continuamente* o livro didático brasileiro e para debater, com os diferentes setores envolvidos em sua produção e consumo, um horizonte de expectativas em relação a sua característica, funções e qualidade. (BATISTA, 2003, p. 27, grifos do autor).

O processo de avaliação, atualmente, é constituído de cinco etapas, como apresentam César Augusto González e Maitê Moraes Gil:

[...] (i) o Ministério elabora o edital do Programa, com os critérios de avaliação das coleções; (ii) o mercado editorial prepara as coleções e as submete ao edital; (iii) os especialistas nas diferentes áreas avaliam as coleções submetidas com base nos critérios propostos pelo Ministério no edital; (iv) os especialistas resenham as coleções aprovadas, produzindo o Guia dos livros didáticos; e, por fim, (v) o Ministério envia o guia às escolas, a fim de que sejam escolhidas as coleções para compra. (GONZÁLEZ; GIL, 2018, p. 30).

O PNLD, nas diretrizes que se encontra atualmente, possui como objetivo final ofertar para as escolas públicas de ensino básico materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita. O livro didático é uma ferramenta presente no dia a dia de professoras/es e alunas/os, por vezes, a única disponível à prática docente, tornando-o essencial ao contexto de sala de aula, o que o faz ocupar um lugar de destaque no ensino. Assim, a importância do LD na construção e na mediação do conhecimento em sala de aula tem se provado eficiente à medida que seu uso é, em parte, responsável pela manutenção de imaginários, valores e representações

implicados na identidade da escola, já que a escolha do LD é realizada pelas/os professoras/res ou direção da escola.

Segundo Batista,

[...] o livro didático brasileiro se converteu numa das poucas formas de documentação e consulta empregadas por professores e alunos. Tornou-se, sobretudo, um dos principais fatores que influenciam o trabalho pedagógico, determinando sua finalidade, definindo o currículo, cristalizando abordagens metodológicas e quadros conceituais organizando, enfim, o cotidiano da sala de aula. (BATISTA, 2003, p. 28).

O PNLD estabelece um vínculo direto com o currículo escolar, uma vez que foi construído com base nele, por isso, a necessidade da revisão do material a cada três anos, a fim de se atualizar as informações a respeito de cada área do conhecimento, reorganizando o conteúdo se necessário, além de apresentar aos professores novas metodologias de trabalho.

Nesse sentido, o Ministério da Educação vem utilizando critérios de avaliação — disponíveis no Edital do PNLD 2018 para a submissão de coletâneas — para aquisição dos Livros Didáticos, os quais devem dialogar com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a fim de atender, com abordagens apropriadas ao público escolar, à diversidade cultural, às identidades, ao protagonismo da mulher na sociedade, a fim de criar um ambiente propício ao debate sobre as questões sociais, de identidade de gênero e culturais.

Sendo a escola um lugar ideal para o compartilhamento de experiências, priorizando o respeito às diversidades e valorizando as identidades — de gênero, raça e etnia —, os LDs devem contemplar essas especificidades, facilitando o trabalho do docente ao propor iniciativas de inclusão e de descobertas dessas identidades plurais, das quais muitas/os alunas/os fazem parte. O ensino, a prática, e, por conseguinte, a própria escolha do material a ser trabalhado em sala de aula, ou seja, o LD, devem promover o combate às desigualdades.

Cabe destacar ainda que no PNLD 2018 foram investidos R\$ 879.770.303,13 na aquisição de LDs; desse montante, R\$ 85.387.847,14 foram destinados aos LDs de Língua Portuguesa e Literatura, atendendo a 19.921 escolas, beneficiando 7.085.669 estudantes<sup>4</sup>. Por mais que exista uma análise dos livros que são selecionados para a escolha dos professores ou da escola, faz-se necessário abrir uma discussão a respeito do conteúdo desses materiais e das atividades propostas por eles.

### 3. O PROCESSO DE GERAÇÃO DE DADOS

As visitas às escolas públicas do município de Osório e o contato com as/os professoras/es e direções foram essenciais para o desenvolvimento do nosso projeto, pois eles eram a fonte para que pudéssemos realizar a nossa geração de dados. Foi entregue uma ficha com questões sobre as escolhas da escola no PNLD 2015 e 2018, que a supervisão ou as/os professoras/es de língua portuguesa precisavam responder, fornecendo informações sobre o processo de adoção dos LDs. Abaixo, segue um levantamento das escolas públicas de ensino médio do município de Osório e as escolhas dos LDLPs no PNLD 2015 e no PNLD 2018.

---

<sup>4</sup> Informações retiradas do site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>. Acesso em 27 de ago. 2022.

Escolas de E.M.	PNLD 2015	PNLD 2018
IFRS - Campus Osório	Português: Língua e Cultura : Língua Portuguesa.	Ser Protagonista : Língua Portuguesa
Albatroz	Novas Palavras.	Ser Protagonista : Língua Portuguesa.
Polivalente (Maria Thereza Vilanova de Castilhos)	Português contexto, interlocução e sentido.	Ser Protagonista : Língua Portuguesa.
Prudente de Moraes	Novas Palavras.	Novas Palavras.
Rural (Idelfonso Simões Lopes Neto)	Português contexto, interlocução e sentido.	Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem.

FIGURA 1 — ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DO MUNICÍPIO DE OSÓRIO E SUAS ESCOLHAS NO PNLD 2015 E NO PNLD 2018 (AUTORAS, 2022).

Para organizarmos as informações coletadas dos LDLP, construímos uma planilha contendo as informações que acreditamos serem relevantes tanto para o segundo momento da nossa pesquisa, quanto para outros pesquisadores. Vale salientar que esta geração foi de suma importância, pois através dela foi possível apresentar o quantitativo de produções femininas e masculinas presentes nos LDs e realizar discussões por meio destes dados. Trabalhar diante de tabelas, dados, análises quantitativas pode parecer um tanto estranha ao trabalho com a literatura. Entretanto, foi a partir dessas quantificações que se pôde lançar algumas interpretações sobre as questões que envolvem a produção literária feminina e a diversidade (ou a falta dela) no campo literário. De acordo com Regina Dalcastagné,

[...] os estudos literários são, em geral, avessos aos métodos quantitativos, que parecem inconciliáveis com o caráter único de cada obra. Tal singularidade, porém, não é privilégio da literatura: é algo comum aos diversos fenômenos sociais. Ainda assim, o tratamento estatístico permite iluminar regularidades e proporciona dados mais rigorosos, evitando o impressionismo que, facilmente contestava por

um impressionismo em direção contrária, impede que se estabeleça bases sólidas para a discussão. (DALCASTAGNÉ, 2005, p. 27).

Para nossa pesquisa, os dados gerados foram organizados da seguinte maneira: sumário do livro; divisão de gênero e nacionalidade; número de produções de cada autor, indicando qual produção foi utilizada, em qual seção e capítulo se encontram; qual seu gênero textual e se estão completas ou incompletas. Foi realizada uma organização com cores para identificar em quais unidades os textos literários eram utilizados, sendo as unidades: literatura, linguagem ou produção textual. As figuras 2, 3, 4 e 5 ilustram como as planilhas foram organizadas.

Gênero - nacionalidade	Unid. - Cap.	Unidade	Capítulo	Informação	Página
Brasil - Camilla	3.10	A literatura no século XIX: o Realismo	O Naturalismo	O Naturalismo no Brasil	127
Brasil - Camilla	3.10	A literatura no século XIX: o Realismo	O Naturalismo	Boa - O que você pensa disso?	131
Brasil - Saldanha	4.12	Língua: forma, função e sentidos	Três faces da palavra	Prática de linguagem	157 - A pesca
Brasil - Saldanha	3.10	A literatura no século XIX: o Realismo	O Naturalismo	O Naturalismo no Brasil	127
Brasil - Saldanha	3.10	A literatura no século XIX: o Realismo	O Naturalismo	Alvaro Azevedo	128
Brasil - Saldanha	3.10	A literatura no século XIX: o Realismo	O Naturalismo	Alvaro Azevedo - O maluco: preconceito de raça	128
Brasil - Saldanha	3.10	A literatura no século XIX: o Realismo	O Naturalismo	Alvaro Azevedo - O maluco: preconceito de raça	128
Brasil - Saldanha	3.10	A literatura no século XIX: o Realismo	O Naturalismo	Alvaro Azevedo - O conto: denúncia da miséria social	129
Brasil - Saldanha	3.10	A literatura no século XIX: o Realismo	O Naturalismo	Alvaro Azevedo - O conto: denúncia da miséria social	129
Brasil - Saldanha	3.10	A literatura no século XIX: o Realismo	O Naturalismo	Os filhos	130-131
Brasil - Saldanha	3.10	A literatura no século XIX: o Realismo	O Naturalismo	Ferramentas de leitura - O determinismo e o comportamento de personagens literários	133
Brasil - Saldanha	3.10	A literatura no século XIX: o Realismo	O Naturalismo	Respostas e Diem	137
Brasil - Saldanha	2.6	A literatura no século XIX: o Romantismo	O Romantismo no Brasil: aspectos gerais	O sistema literário - A poesia: três sensibilidades	76
Brasil - Saldanha	2.6	A literatura no século XIX: o Romantismo	O Romantismo no Brasil: poesia	Alvaro de Azevedo: o individualismo extremado	82
Brasil - Saldanha	2.6	A literatura no século XIX: o Romantismo	O Romantismo no Brasil: poesia	Alvaro de Azevedo: o individualismo extremado	82
Brasil - Saldanha	2.6	A literatura no século XIX: o Romantismo	O Romantismo no Brasil: poesia	Alvaro de Azevedo: o individualismo extremado	82
Brasil - Saldanha	2.6	A literatura no século XIX: o Romantismo	O Romantismo no Brasil: poesia	Alvaro de Azevedo: o individualismo extremado - Nota na taverna: ironismo brasileiro	83
Brasil - Saldanha	2.6	A literatura no século XIX: o Romantismo	O Romantismo no Brasil: poesia	Alvaro de Azevedo: o individualismo extremado - Nota na taverna: ironismo brasileiro	83
Brasil - Saldanha	2.6	A literatura no século XIX: o Romantismo	O Romantismo no Brasil: poesia	Sua Leitura	84
Brasil - Saldanha	2.6	A literatura no século XIX: o Romantismo	O Romantismo no Brasil: poesia	Sua Leitura	84
Brasil - Saldanha	2.6	A literatura no século XIX: o Romantismo	O Romantismo no Brasil: poesia	Sua Leitura	84
Brasil - Saldanha	2.7	A literatura no século XIX: o Romantismo	O Romantismo no Brasil: prosa	Respostas e Diem	105

FIGURA 2 — ORGANIZAÇÃO DA PLANILHA (AUTORAS, 2022).

Página	Título da produção	Tipo de menção	Produção	Narrativa	Poesia	Romano	Teatro	Fóveis	Crônicas	Letras	Autóbio	Diário	Entrevista	Ativo	Manifesto	Texto Completo	Tudo
127	escritores brasileiros naturalistas		1														
121	relação homossexual na obra "Bom-citão"		1														
107	A pesca		1														
127	escritores brasileiros naturalistas		1														
128	vida e obra		1														
128	sobre a obra		1														
108	O maluco		1														
129	sobre a obra		1														
129	O conto		1														
130-131	O conto		1														
133	Casa de pensão		1														
137	O conto		1														
76	Poesia Literária		1														
82	Produção		1														
82	Produção - Livro dos vinte anos		1														
82	Minha desgraça		1														
83	Nota na Taverna		1														
83	Nota na Taverna		1														
84	Lira dos vinte anos		1														
84	Teresa		1														
84	Nota na Taverna		1														
105	Lira dos vinte anos		1														

FIGURA 3 — ORGANIZAÇÃO DA PLANILHA (2) (AUTORAS, 2022).



#### 4. A COLETÂNEA *SER PROTAGONISTA: LÍNGUA PORTUGUESA*, PNLD 2018

O PNLD 2018 aprovou onze coletâneas para o auxílio nas aulas de língua portuguesa, dentre elas a *Ser Protagonista: Língua Portuguesa* (2016), da editora SM, que foi adotada por três das cinco escolas públicas de ensino médio da cidade de Osório. Segundo o Guia do PNLD 2018, nos critérios para todas as coletâneas aprovadas, sobre o eixo da Literatura, observou-se “além da qualidade da coletânea, o tratamento dado à formação do leitor literário e a pertinência das abordagens para a formação requerida na etapa de ensino em questão.” (BRASIL, 2017, p. 13).

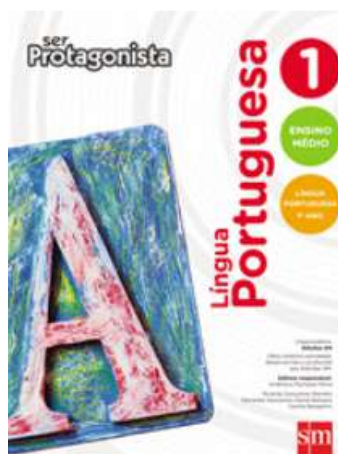


FIGURA 5 — CAPA DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DA COLETÂNEA *SER PROTAGONISTA* (GUIA DO LIVRO DIDÁTICO, PNLD 2018).

A coletânea *Ser Protagonista: Língua Portuguesa* (2016) está dividida em três partes: Literatura, Linguagem e Produção de Texto. Cada seção está organizada dentro de unidades temáticas, que por sua vez estão divididas por capítulos. Segundo Barreto *et al.*, “as unidades de Literatura proporcionam o contato com textos de diferentes linguagens, épocas e lugares. Para auxiliar as leituras, os capítulos apresentam

conceitos, procedimentos e recursos próprios dos estudos literários” (2016, p. 04). No Guia do PNL D 2018 ressalta-se que algumas características sobre as atividades do Ensino de Literatura “[...] exploram as aproximações entre autores diversos e encaminham diálogos entre os clássicos e marginais, de períodos históricos mais antigos e contemporâneos, da chamada Literatura Universal ou canônica, brasileira e africanas.” (BRASIL, 2017, p. 27).

O Guia também destaca a importância dos textos literários de culturas africanas, como uma forma de seguir a lei 11.645/2008<sup>5</sup>, que torna obrigatório o trabalho com a temática afro-brasileira e indígena. Na coletânea, a literatura que aborda a temática afro-brasileira e indígena aparece com maior visibilidade no Volume 1, entretanto, ao longo dos volumes, poucos são os textos representativos de culturas afro-brasileiras e menor ainda de culturas indígenas. Ademais, o Guia apresenta que “os temas selecionados e os pontos de vista a partir dos quais são abordados os textos contemplam a diversidade de gênero, sexualidade, faixa etária e classe social.” (BRASIL, 2017, p. 27).

A partir das recomendações do Guia sobre a obra, surgem algumas problemáticas: o edital de submissão do PNL D 2018 e discussões sobre representatividade; Ensino de Literatura; conteúdo dos LDLPs e o uso do LD na sala de aula. Outras problemáticas: os textos selecionados para as atividades e discussões contemplam essas diversidades, entretanto não são escritos por quem as representa? As produções literárias de autoria feminina são utilizadas nas seções referentes à Literatura? Essas produções se equivalem, ou são próximas, ao número de produções literárias de autoria masculina?

---

<sup>5</sup> Lei 11.645/2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.html). Acesso em 27 de ago. 2022.

#### 4.1. O QUE MOSTRAM OS DADOS COLETADOS NOS VOLUMES DO LDLP *SER PROTAGONISTA: LÍNGUA PORTUGUESA*, PNLD 2018

Como dito anteriormente, cada volume de cada coletânea possui uma planilha, a qual é composta com informações do LDLP; produções literárias de autores brasileiros; produções literárias de autores estrangeiros; produções literárias de autoras brasileiras e produções literárias de autoras estrangeiras.

Os dados extraídos da coletânea *Ser Protagonista: Língua Portuguesa*, PNLD 2018, demonstram o baixo número de produções de autoria feminina em todos os volumes, como apontam os gráficos abaixo:



GRÁFICO 1 — PRODUÇÕES LITERÁRIAS DE AUTORIA MASCULINA E FEMININA PRESENTE DA COLETÂNEA “SER PROTAGONISTA: LÍNGUA PORTUGUESA”, PNLD 2018 (AS AUTORAS, 2022).

As produções literárias femininas, no conjunto de escritoras de diferentes nacionalidades, em todos os volumes da coletânea, são notoriamente inferiores às masculinas. Em números, as produções literárias femininas (de diferentes nacionalidades) somam 12 de 154 produções literárias presentes no volume 1; 8 de 155

no volume 2; e 26 de 178 no volume 3. E a sua representatividade é ainda menor quando observamos em quais seções elas estão presentes, como demonstram os dados do gráfico a seguir:

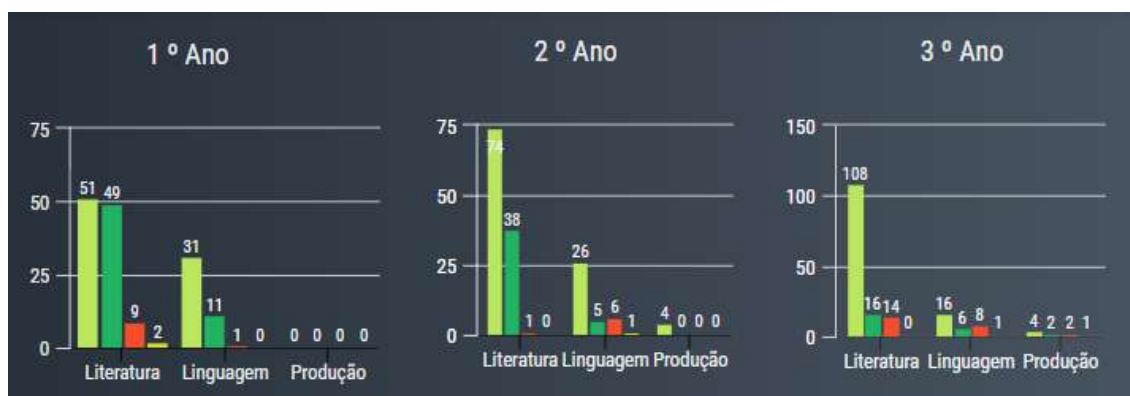


GRÁFICO 2 — PRODUÇÕES LITERÁRIAS DE AUTORIA MASCULINA E FEMININA PRESENTE DA COLETÂNEA *SER PROTAGONISTA: LÍNGUA PORTUGUESA*, PNLD 2018, DIVIDIDAS POR SEÇÕES QUE COMPÕEM O LD (AS AUTORAS, 2022).

No gráfico acima, a barra em verde claro representa os escritores brasileiros; a barra verde escura, os escritores estrangeiros; a vermelha, as escritoras brasileiras; e a amarela, as escritoras estrangeiras. Como podemos visualizar, as produções de autoria feminina são inferiores em todas as seções que compõem o livro e em cada volume. A análise do gráfico nos permite inferir que as autoras aparecem nos LDs em contextos menos relacionados à literatura e à produção literária.

No volume 1, referente ao primeiro ano do ensino médio, nos capítulos iniciais da obra, são trazidas discussões sobre o porquê ler literatura; a criação literária; aspectos da linguagem literária; gêneros literários, entre outros temas que estão relacionados de modo geral com a literatura. Nesses capítulos que têm por característica uma discussão ampla sobre a literatura, a presença de mulheres escritoras não corresponde ao que se espera de uma coletânea que, segundo o PNLD, deveria trazer “[...] temas selecionados e os pontos de vista a partir dos quais são abordados os textos contemplam a diversidade de gênero, sexualidade, faixa etária e classe social.” (BRASIL, 2017, p. 27).

Mais interessante é que são capítulos, como dito anteriormente, voltados para uma discussão ampla da literatura, que não estão dedicados a explicar, apresentar e discutir com as/os alunas/os movimentos literários. Se assim o fosse, poderíamos considerar que a ausência de produções de autoria feminina estaria relacionada aos contextos históricos que, por muito tempo, invisibilizaram as mulheres. Deve-se destacar que a produção literária feminina existe há tanto tempo quanto a masculina, mas que os processos sociais de exclusão da mulher do espaço público relegaram essas produções ao esquecimento.

No caso do Brasil, o romance “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis, escrito em 1859, é um bom exemplo de uma dupla exclusão, por gênero e raça. O romance possui importância histórica: o primeiro livro escrito por uma mulher no Brasil e um dos primeiros romances abolicionistas da literatura brasileira publicado por uma mulher negra. Contudo, o livro só teve uma edição em 116 anos de sua existência, apenas no ano de 1975 que foi receber uma segunda edição. Segundo Fernanda R. Miranda,

Conforme ideia que defendi em minha tese em 2019, *Úrsula* é uma narrativa de fundação. Pode ser pensada como uma placenta, a gestar e depois de parir um outro fio a partir do qual podemos interrogar o Brasil, a literatura e os resquícios coloniais que permanecem em sintonia com o nosso presente. Essa placenta toma o romance como forma, espaço fértil e elástico o bastante para a feitura de outro mundo. (MIRANDA, 2021, p. 22).

No segundo gráfico, os dados são referentes ao volume produzido para atender o segundo ano do ensino médio. Os capítulos se propõem a fazer um panorama da literatura brasileira, tecendo diálogos sempre que possível com a literatura europeia; entretanto, eles não dialogam com produções literárias de autoria feminina e nem problematizam a ausência delas. A única produção literária de uma mulher nem pode ser contada como de autoria, já que foi a tradução de “Tristão e Isolda” (fizemos a inclusão devido ao fato de terem escolhido a tradução de Maria do Anjo Braamcamp, e como a história possui algumas outras traduções, optamos por contabilizar).

Ainda conforme o gráfico referente ao volume dois, as produções literárias de autoria feminina são utilizadas na seção referente ao estudo da Linguagem. Esta seção é composta por um box (nomenclatura adotada pelos autores/autoras da coletânea) chamado “Usina Literária”, que segundo os autores se propõe ao estudo da língua em textos literários. Entretanto nenhuma destas produções se encontra nestes “boxes” dedicados à literatura:

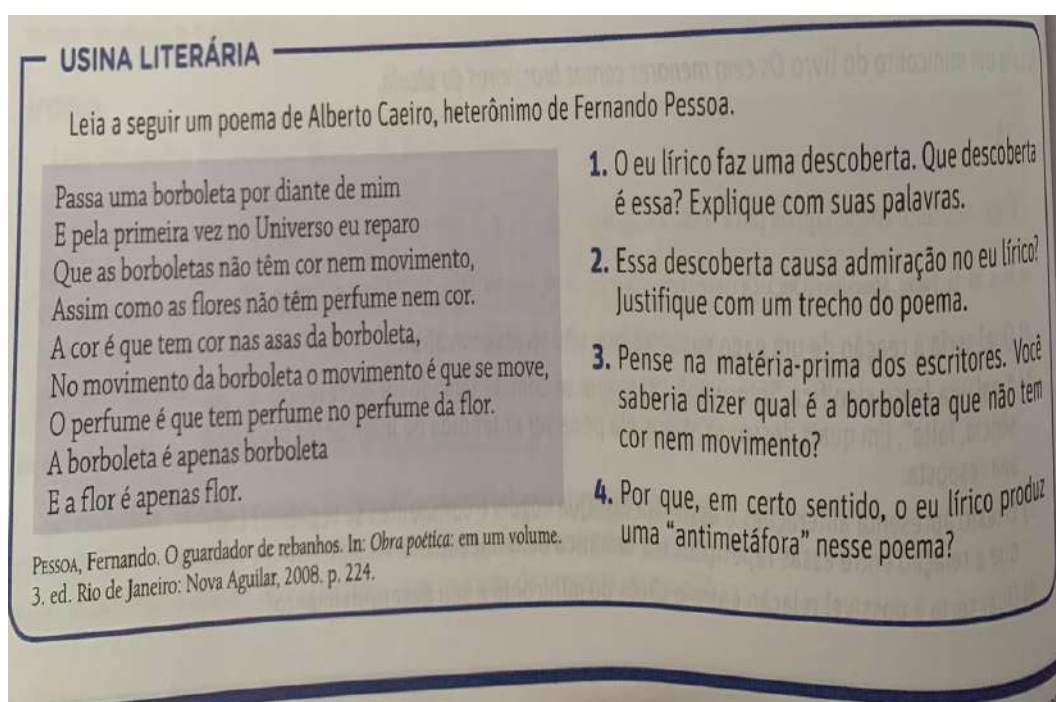


FIGURA 6 — EXEMPLO DE BOX “USINA LITERÁRIA” (*SER PROTAGONISTA: LÍNGUA PORTUGUESA*. VOLUME 1, PÁGINA 218).

No terceiro e último livro da coleção, que corresponde ao terceiro ano do ensino médio e que, conforme o currículo, a princípio, aborda a literatura contemporânea, a ausência de produções femininas nos causa maior incômodo. Considerando em números absolutos, esse volume é o que mais apresenta obras e autoras/es (178, conforme apontado acima), dos quais apenas 26 são mulheres escritoras. No entanto, é especialmente no período contemporâneo que as produções de mulheres, tanto no Brasil quanto no exterior, se multiplicaram. Mesmo que nesse volume o número de

produções femininas seja o maior entre os demais, é falsa a aparência de que as mulheres receberam maior espaço no LD em questão. Isto porque a relação entre o número de produções masculinas também cresceu, e, depois, porque para a literatura contemporânea não se pode atribuir a justificativa do pouco número de produções femininas publicadas, como se pode questionar quando se discute a respeito dos movimentos literários anteriores.

As autoras literárias que possuem produções em quase todas as coletâneas são nomes já esperados: Adélia Prado, Cecília Meireles, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles. Todas as escritoras são mulheres brancas, de classe média, e já são consideradas parte do cânone brasileiro. Poucas são aquelas que aparecem e não fazem parte do cânone; contudo, ainda são mulheres brancas, de considerado *status* social e heterossexuais. A ausência da literatura de autoria feminina periférica, negra, indígena ou LGBTQIA+ demonstra que existe uma invisibilidade dentro da invisibilidade. Mas, por que produções literárias de mulheres com o perfil das escritoras citadas acima, e de outras classes sociais, raças, sexualidade, gênero e crenças são importantes para as aulas de literatura?

O motivo é simples; a literatura oferta a possibilidade de diálogo com a realidade, ou melhor, de acordo com Jeferson Tenório, “a literatura existe para discordar da vida” (2022, s/p.). Se trabalharmos apenas com literatura de autoria masculina, branca, de considerado *status* social, heterossexual, estaremos, por meio da literatura, apresentando às/aos estudantes apenas um modo de ver e de representar o mundo. Ao não trabalharmos apenas com o cânone, “a leitura na escola passa a ser uma prática democrática que busca contemplar e refletir os mesmos princípios da sociedade da qual ela faz parte”, segundo Rildo Cosson (2020b, p. 33).

Cabe salientar também que “as mulheres têm menos acesso à ‘voz’ — isto é, à posição de narradoras — e ocupam menos as posições de maior importância. [...] os dados demonstram que a possibilidade de criação de uma personagem feminina está

estritamente ligada ao sexo do autor do livro” (DALCASTAGNÉ, 2005, p. 36). Além disso, o campo literário brasileiro é um espaço de exclusão, pois a maioria dos escritores são “homens, brancos (praticamente todos), moradores dos grandes centros urbanos e de classe média — e é de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens, que são construídas suas representações” (DALCASTAGNÉ, 2007, p. 18), enquanto isso, “o outro (mulheres, pobres, negros, trabalhadores) está, em geral, ausente; quando incluído nessas narrativas, costuma aparecer em posição secundária, sem voz e, muitas vezes, marcado por estereótipos” (p. 18).

Os trabalhos de Dalcastagné (2001; 2005; 2007; 2008) vão ao encontro de nossa análise, ainda que sejam diferentes objetos. Em certa medida, o que a autora analisa e argumenta sobre esse mercado editorial, masculino, branco, hétero e classe média, está refletido na escolha de alguns autores em detrimento de outras autoras.

Analisar o LD dessa perspectiva da representatividade de autoria de literatura feminina nos coloca num terreno movediço, sobretudo quando nos voltamos para os documentos oficiais que regem todo o processo de elaboração e aquisição dos LDs. Dentro dos princípios que compõem o Edital do PNLD 2018, as coletâneas, em todas as áreas de ensino, devem “abordar a temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando à construção de uma sociedade antirracista, solidária, justa e igualitária” (BRASIL, 2015, p. 32), bem como “abordar a temática de gênero, visando à construção de uma sociedade não-sexista, justa e igualitária, inclusive no que diz respeito ao combate à homo e transfobia” (BRASIL, 2015, p. 18) e “promover positivamente a imagem da mulher, considerando sua participação em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder, reforçando sua visibilidade e protagonismo social” (BRASIL, 2015, p. 18). Se, de acordo com esses princípios, a diversidade e as identidades plurais são importantes para a contratação desta ou daquela coleção, os dados gerados por esta pesquisa demonstram que as seções do livro didático analisado foram produzidas de modo parcial e precário, isto é,

a presença de literatura de autoria feminina no LD da coleção *Ser Protagonista* demonstra que as/os autoras/autores da coletânea apenas atenderam um item específico do edital do PNLD, não havendo um trabalho pautado nas relações étnico-raciais, com literaturas não canônicas e produzidas por mulheres (sem ser aquelas que já são prestigiadas).

Traçando um paralelo com Cosson (2020a), podemos inferir sobre a coleção analisada, especialmente na apresentação e seleção de textos da literatura brasileira, que o valor da literatura está em diálogo com o paradigma histórico-nacional. Isso é, “*a literatura vale porque ela nos diz o que é o Brasil* (e por extensão o que é ser brasileiro) [...] a literatura funciona como uma espécie de tradutor cultural, filtrando no conjunto das obras selecionadas o que merece ser guardado e louvado como nacional.” (COSSON, 2020a, p. 45, grifos do autor).

Ademais, Dalcastagné nos faz pensar a respeito da seguinte afirmação: “espaço onde se constroem e se validam representações do mundo social, a literatura é também um dos terrenos em que são reproduzidas e perpetuadas *determinadas* representações sociais, camufladas, muitas vezes, no pretense ‘realismo’ da obra” (2007, p. 19). Cabe destacarmos que a escolha de se produzir um livro didático cuja produção literária é majoritariamente masculina encontra-se com uma lógica de perpetuação e naturalização de relações que, dessa forma, pouco contribuem para aqueles pressupostos tão caros aos documentos oficiais aqui examinados.

## 5. A REPRESENTATIVIDADE IMPORTA?

A resposta a essa pergunta, ponto de partida de nossa análise, parecia evidente se considerados o espaço que conceitos como representação, representatividade, identidades, diversidade ocupam no PNLD e em outros documentos. A representatividade importa, mas, e quando temos esse “mas”, sabemos que a sentença

seguinte será de contraposição, ou no mínimo de relativização àquilo que foi dito anteriormente; neste caso, a representatividade importa como simulacro de uma tentativa de se estabelecer medidas que mitiguem as desigualdades sejam elas de qualquer natureza.

Destacamos, ainda, que a participação de mulheres, em diferentes espaços, com maior visibilidade e presença política está sendo fundamental para questionar as práticas e a manutenção das desigualdades de gênero, tanto nas esferas públicas quanto nas privadas, o que vêm contribuindo para mudar as relações de poder historicamente desiguais.

Se a coleção não apresentou um número nem próximo de equânime para as produções literárias femininas, ela permite que encontremos nessas ausências um tema pertinente à discussão em sala de aula. Onde estão as mulheres na literatura? Quem são essas mulheres que escreveram no passado e que escrevem em nossos tempos? E, quando aparecem, quem são elas? São mulheres periféricas, negras, indígenas, entre outras identidades, ou são mulheres que o mercado editorial já abraçou para si, brancas e que pertencem ao cânone? Qual a relação entre a ausência das mulheres na literatura e a ausência delas em outros espaços?

Não estamos nós, docentes, ao não discutirmos esses pontos repetindo o mesmo tipo de comportamento do século XIX que invisibilizou a autoria feminina em um período formativo da nossa nação? Segundo Rita Terezinha Schmidt (2019), durante esse período “a literatura foi institucionalizada como instrumento pedagógico de viabilização de nossa diferença cultural em razão de sua força simbólica para sustentar a coerência e a unidade política da concepção romântica da nação como ‘o todos em um’” (p. 65). Ainda de acordo com a autora,

[...] o nacional, enquanto espaços das projeções imaginárias de uma comunidade que buscava afirmar sua autonomia e soberania em relação à metrópole, constituiu-se como um domínio masculino, de forma explícita e excludente. As figuras do pensador, do crítico e do escritor definiam o lugar do sujeito que fala em nome da

cultura e da cidadania a partir de uma lógica conjuntiva e horizontal, de cunho universalista, em sintonia com a racionalidade progressista da coesão social em que se pautava a concepção da nação moderna. (SCHMIDT, 2019, p. 65–66).

A educação produz laços com a normalização social, na medida em que atribui como naturais modelos de homem e mulher, masculino e feminino. Por tal razão, são importantes iniciativas que busquem questionar e, segundo Richard Miskolci, “propor algo distinto, não normalizador ou compulsório, um educador fincado não em modelos e conteúdos que o precedem, mas, antes na experiência mesmo do aprender.” (2017, p. 12). Entre as direções que podemos tomar enquanto docentes no ensino de literatura está aquela que

[...] defende a pluralidade e a diversidade de autores, obras e gêneros na seleção de textos. Ela está apoiada nas recomendações dos textos oficiais sobre o ensino da área de linguagem e nas teorias da literatura como uma habilidade a ser construída pelo trânsito intenso de textos diferenciados em sua configuração discursiva e genérica dentro da escola. Também favorecida pela abundância de títulos disponibilizados pelo mercado, essa direção busca quebrar as hierarquias impostas pela crítica literária e abrir a escola a todas as influências, liberando os professores do peso da tradição e das exigências estéticas. Por meio dela, acredita-se que a leitura na escola passa a ser uma prática democrática que busca contemplar e refletir os mesmos princípios da sociedade da qual ela faz parte. (COSSON, 2020b, p. 33)

Sendo assim, enquanto futuras/os docentes, docentes em formação e pesquisadoras/es é preciso discutirmos e refletirmos caminhos para tornar o ensino de Literatura um espaço plural, comprometido em apresentar às/aos estudantes diferentes literaturas, escritoras e escritores, narrativas e vozes excluídas da sociedade, uma vez que a ficção pode ser um reflexo da nossa sociedade. Ademais, também é nosso papel problematizarmos os livros didáticos de língua portuguesa, já que é uma das ferramentas de pesquisa — por vezes a única que alguns colegas possuem para realizá-las — que nos auxilia a construir as nossas aulas e que, além disso, é uma ferramenta de pesquisa também das/os alunas/os, que recebem o material completo e com

informações que, a princípio, são muito mais completas do que as disponíveis na *internet*.

Por fim, é importante destacarmos que, nas outras coletâneas aprovadas e selecionadas pelas escolas de ensino médio do município de Osório, foi possível analisar o mesmo comportamento dos dados da coletânea aqui apresentada em relação a ausência de literatura de autoria feminina; e que de um PNLD para o outro (2015 para 2018), não ocorreram mudanças significativas.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Ricardo G. *et al. Ser Protagonista: Língua Portuguesa, ensino médio. v.1, v.2, v.3.* São Paulo: Edições SM, 2016.

BATISTA, Antônio A. G. A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). In ROJO, R.; BATISTA, A. A. G. (Orgs.). *Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura escrita.* Campinas: Mercado das Letras, 2003.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Básica. *Guia de Livros Didáticos: PNLD 2018: Português.* Brasília: Ministério da Educação, 2017.

\_\_\_\_\_. *Edital de convocação 04/2015 — CGPLI.* Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2018.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo.* 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática.* 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2020a.

\_\_\_\_\_. *Paradigmas do ensino da literatura.* São Paulo: Contexto, 2020b.

Dados estatísticos - Programas do Livro Didático. **FNDE.** Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>. Acesso em 27 de ago. 2022.

DALCASTAGNÉ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea.* Brasília, nº 31, p. 87-110, jan-jun. 2008.

\_\_\_\_. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Revista Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 42, nº 4, p. 18–31, dez. 2007.

\_\_\_\_. Vivendo a ilusão bibliográfico. A personagem e o tempo na narrativa contemporânea. In *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 26. Brasília, p. 13–71, jul-dez. 2005.

\_\_\_\_. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambigüidades no discurso. *Diálogos Latinoamericanos*, n. 003. Universidad de Aarhus: Aarhus Latinoamericanistas, p. 114–130, 2001.

GONZÁLES, César A.; GIL, Maitê. M. O Livro Didático de Língua Portuguesa entre o Ensino de gramática e a reflexão linguística. *Revista SOCIODIALETO*, v. 9, nº 25, p. 300–332, jul. 2018.

MIRANDA, Fernanda R. Maria Firmina dos Reis e a criação de um outro mundo na escrita. In BASTOS, Fernanda, *et al.* *Tag Trilhas: Vozes negras*. Porto Alegre: Tag, 2021.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Na literatura, as mulheres que reescrevem a nação. In DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.) *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

TAGLIANI, Dulce Cassol. O processo de escolha do Livro Didático de Língua Portuguesa. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, nº. 2, p. 303–320, mai/ago. 2009.

TENÓRIO, Jeferson. A literatura nos salva pela tomada de consciência. *Gaúcha ZH*. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/jeferson-tenorio/noticia/2022/06/a-literatura-nos-salva-pela-tomada-de-consciencia-cl44ngry7006w0167na71tv8c.html>. Acesso em: 27 de ago. de 2022.

Recebido em: 28/07/2022

Aceito em: 15/08/2022